

CAPOEIRA E EDUCAÇÃO: uma reflexão sobre as contribuições da capoeira enquanto prática pedagógica.

Robson Carlos da Silva¹

RESUMO

Este trabalho apresenta, a partir da perspectiva dos Estudos Culturais, algumas possibilidades da capoeira, cultura negra e genuinamente brasileira, enquanto prática pedagógica que contribui na formação de crianças e jovens na escola, extraindo, de várias experiências da capoeira, em espaços educacionais de Teresina-PI, aspectos que contribuam na condução de possíveis discussões que possam despertar para a inclusão da capoeira nas políticas educacionais que vêm sendo implantadas no Brasil, notadamente como prática de resgate e fortalecimento identitário.

Palavras-Chave

Educação, Escola, Capoeira, Prática pedagógica.

Introdução

Nossa proposta neste trabalho é fazer uma leitura das possibilidades da capoeira, cultura genuinamente brasileira, para contribuir no fortalecimento das identidades de crianças e jovens nas escolas, assim como na construção de atitudes de respeito e aceitação das pluralidades, possibilidades que, nas escolas, pode vir a desempenhar um papel relevante para crianças e jovens, no sentido de lhes possibilitar o contato e a prática de uma atividade que além de prazerosa “conta” um pouco da história do Brasil a partir de uma outra referência, ou seja, da visão do oprimido, contrapondo-se à narrativa histórica oficial.

A capoeira, enquanto prática pedagógica, pode contribuir para o desenvolvimento do sentimento de aceitação das diferenças, levando seus praticantes a conhecer e respeitar valores, sentimentos, ideais e condições de vida diversas das suas, visto que possibilita o contato entre pessoas dos mais diferentes estratos culturais e sociais, homens e mulheres, das mais diferentes idades, pertencentes a culturas diferentes, das mais variadas condições sociais, econômicas, e de conhecimento, que se encontram e, de uma forma bem democrática, “jogam” capoeira no mesmo espaço, conversam entre si e trocam experiências, mesmo de forma espontânea e não intencional, sobre seus valores e ideais, sua cultura, seu modo de ser, dentre muitos outros aspectos.

Assim, seguindo o fio condutor das teorias dos Estudos Culturais², vamos falar um pouco da capoeira, manifestação da cultura brasileira com características de jogo,

¹ Mestre em Educação, pelo Programa de pós-graduação em Educação da UFPI. Professor substituto do Departamento de Fundamentos da Educação-UFPI.

² Surgidos nos anos sessenta do século XX, no *Center for Contemporary Cultural Studies at Birmingham*, os Estudos Culturais buscam se orientar por estratégias que se baseiam pela rejeição de um domínio objetual, de uma tradição fundadora, de uma metodologia própria, utilizado-se de qualquer campo epistemológico, onde se perceba uma disposição ou necessidade para construir o conhecimento, ressaltando como central o estudo das relações entre cultura, percebida como um campo de luta em torno de significação social, conhecimento e poder, o que requer uma preocupação mais aprofundada sobre as diversas vertentes, tendências e conceitos de cultura, as relações de poder, assim como, os processos de produção e circulação do conhecimento, em busca do entendimento de como democratizar as escolas de

luta e dança, praticada ao som de instrumentos musicais, acompanhada de palmas e cânticos, com aspectos característicos de um eficiente sistema de defesa pessoal, começado por abordá-la como atividade sócio-cultural, que nasceu no seio de uma classe escravizada, profundamente oprimida e fortemente discriminada que, durante o seu desenvolvimento histórico, foi conquistando o status de disciplina pedagógica hoje presente nos currículos de escolas de ensino Fundamental e Médio e de significativa parcela de universidades e faculdades brasileiras, ganhando o mundo através da conquista de adeptos, em muitos países afora, de cultura nacional e tradição de alto potencial de inclusão social e de fortalecimento identidades.

Finalmente, pontuaremos algumas experiências e momentos importantes da capoeira na identificação de seu valor educativo, assim como, a construção de possibilidades para o emprego da capoeira nos espaços educacionais formais, como prática pedagógica, como recurso de grande valia na construção e fortalecimento da identidade cultural, social e política, de alunos nas escolas, a partir da produção escrita disponível em obras acadêmicas, como por exemplo, Santos (1987), Freitas (1997), Campos (2001), Soares (2002), assim como, de nossa vivência, de mais de vinte anos de experiência, na prática e ensino da capoeira.

Ao pé do Berimbau: iniciando o “jogo” da capoeira

O jogo da capoeira inicia-se ao pé do berimbau, onde os jogadores se cumprimentam e partem para um bailado todo especial, misto de luta e dança, combate e brincadeira, uma disputa, que envolve ginga, música, força, malícia, canto e poesia, uma espécie de “conversa”, um diálogo gestual, que mantém viva toda uma tradição cultural, carregada de magia e de significados. A nossa “entrada” nesse jogo começou assim também, agachado ao pé do berimbau e nos apaixonou tanto que nos levou a lugares, culturas e pessoas tão diversas como jamais imaginaríamos e, ainda hoje, nos mantém jogando, caindo e levantando, aprendendo e ensinando, conversando com pessoas das mais diferentes culturas e formações, de uma maneira que, em minha experiência, somente a capoeira foi capaz de proporcionar.

Este nosso interesse pela capoeira, teve início em 15 de novembro do ano de 1979, quando iniciamos a prática dessa arte, na Unidade Escolar Benjamim Baptista, localizado na rua Jônatas Batista, zona norte de Teresina, próximo ao Estádio Municipal Lindolfo Monteiro e o Ginásio de Esportes Dirceu Mendes Arcoverde, “o Verdão”, em espaço físico que era cedido pela direção da escola para a prática da capoeira em fins de semana e feriados.

Fomos iniciado sob orientação do hoje Mestre de capoeira José Gualberto da Silva Neto (conhecido nas rodas de capoeira como Mestre Tucano)³, e do professor Roberto Dídio da Silva (conhecido como Chocolate), que atualmente desenvolve um trabalho de capoeira na cidade de Franca, em São Paulo, ambos meus irmãos, que tiveram a difícil, porém, grata tarefa de conduzir a capoeira em nossas terras piauienses

forma a capacitar aqueles grupos mal representados a produzir suas próprias auto-imagens, contar suas próprias histórias e se envolver num diálogo respeitoso com outros grupos.(COSTA, 2001, p. 38)

³ Na prática da capoeira, existe uma tradição muito forte, que diz respeito ao apelido que cada praticante adquire durante as aulas de capoeira. Esta tradição, é oriunda do período em que a capoeira era proibida pelo código penal brasileiro, sendo que muitos dos capoeiristas utilizavam-se de apelidos para dificultar a identificação de seu nome nos registros da polícia, às vezes, confundidos com o próprio apelido, não sendo raro os praticantes que passaram para a posteridade conhecido mais por seus apelidos, do que com o próprio nome, como por exemplo, Bimba, Caiçara, Traíra, etc.

e teresinenses até o patamar que hoje alcançou, sendo praticada nos mais diversos espaços sociais, culturais, educacionais, esportivos e outros.

Desde então, ao largo de uma experiência construída em aulas, cursos, encontros, realização de diversos eventos, intercâmbio com praticantes de todo o Brasil e do exterior, centramos nossos esforços em demonstrar a importância dessa cultura para o engrandecimento de nossa consciência identitária, assim como na contribuição para a formação de hábitos e atitudes benéficos à saúde e ao bem estar geral da pessoa, trazendo no bojo de sua história, informações que podem favorecer o desenvolvimento de um entendimento mais crítico da história brasileira, notadamente, sob uma perspectiva popular, ou seja, a história do povo brasileiro contada pela ótica dos agentes envolvidos nesta história.

Neste sentido, vamos empreender um breve caminhar através da história da capoeira, numa tentativa de identificar aspectos que contribuam para demonstrar a relevância dessa cultura, seja como artefato de resistência, seja como “testemunha” de uma história que se reluta em contar nos bancos escolares, que é negada por trazer implícita em seus movimentos, fundamentos e narrativas, uma história que, se contada, pode desnudar parte da vergonha que foi a construção de uma nação centrada numa economia escravista, onde a principal riqueza vinha da expropriação total de um povo, de uma etnia e do descaso com sua cultura.

A Capoeira como instrumento de resistência contra a opressão: um pouco de história

Devido a falta de registros históricos mais fidedignos, fruto do descaso para com os registros documentais que poderiam nos esclarecer muitos marcos importantes sobre a história do povo negro no Brasil⁴, são muitas as controvérsias sobre as origens da capoeira, presente nas discussões. Seria a capoeira uma arte genuinamente brasileira ou teria vindo da África, com a chegada dos escravos no Brasil?

Carneiro (1997), afirma que a capoeira inicialmente era praticada entre os angolanos, não como meio de defesa, mas como dança religiosa, como um ritual tipicamente banto (povo angolano). Segundo Câmara Cascudo (1967), pesquisador do folclore brasileiro, os banto-congo-angolezes praticavam África, danças litúrgicas ao som de instrumentos de percussão, transformados em luta aqui no Brasil..

Cortês (2000), afirma que a capoeira, um misto de dança, luta e jogo, foi introduzida no Brasil pelos escravos bantos de Angola, durante o período colonial, defendendo que a capoeira aqui chegou com os primeiros negros africanos, que diante do estado de escravidão e opressão trataram de “introduzi-la” como arma de defesa. Seguindo o mesmo raciocínio, Ferreira (1978) comenta que o notável pintor Caribé, em artigo publicado na revista Sul América, de dezembro de 1954, afirma que foi no bojo de pau dos veleiros do século XVI que chegaram à Bahia os primeiros capoeiristas.

Os defensores da capoeira como cultura genuinamente brasileira, acreditam que ela seja uma mistura de diversas culturas (lutas, rituais, danças...) africanas no Brasil, explicando que jamais foram encontrados vestígios na África de uma luta parecida com

⁴ Rego (1968), afirma que um dos responsáveis direto por esta escassez de documentos escritos sobre a história do negro no Brasil, foi o conselheiro Rui Barbosa, ministro do Governo de Deodoro da Fonseca, que, por volta de 1890, sob a justificativa de “apagar um pouco da vergonha nacional”, mandou que fosse queimada toda a documentação existente referente à escravidão no país.

a capoeira, vindo seu nome do mato ralo, denominado capoeira, em que os escravos ficavam após serem libertados ou fugidos (CAMPOS, 1990).⁵

Reforçam esse pensamento partindo do pressuposto de que com a chegada dos primeiros escravos no Brasil, houve uma tentativa de desarticulação de qualquer forma de organização que pudesse se transformar em levante ou revolta dos escravos, motivo que levou os mercadores portugueses a efetuarem uma separação dos diversos povos africanos que aqui foram trazidos para o trabalho escravo, promovendo uma mistura cultural em que não fosse possível nenhuma comunicação lingüística entre os sujeitos, porém, nesse momento, houve uma troca muito rica entre as culturas diversas, o que era quase impossível em seu continente de origem, devido às condições adversas impostas pelo próprio desenho geográfico do lugar, “troca” ou contato cultural que, motivado pela ânsia de libertação do povo negro no Brasil, leva ao surgimento de uma manifestação totalmente nova, com características próprias e uma combinação jamais imaginada de aspectos tão diversos como luta e dança. Nasce, assim, a capoeira, arte e cultura genuinamente brasileira.

O certo é que a capoeira surge como instrumento de defesa do negro africano, escravizado, que aproveitando os espaços e tempos livres, mínimos diga-se de passagem, notadamente nas senzalas e suas adjacências, tentava manter viva sua cultura e que mais tarde viria a influenciar significativamente na construção das características de nossa “brasilidade”⁶.

A Prática da capoeira como fenômeno sócio-urbano: desordens, perseguições e alianças com as camadas dirigentes

Com o fim da escravidão, o que não significou a aceitação imediata da comunicação negra na vida social (VIEIRA, 1998), a capoeira passa por um momento obscuro e ressurgue no século XIX, transformando-se em um fenômeno social nos grandes centros da época: Rio de Janeiro, Salvador e Recife.

Neste cenário, a capoeira se constituía numa manifestação bastante comum nas ruas da capital, trazendo medo e provocando transtorno aos cidadãos e moradores da cidade, notadamente através das Maltas de capoeira⁷, alcançando seu auge e época de verdadeiro domínio e pleno desenvolvimento (SOARES, 1994), com a formação dos partidos, ou Maltas, como por exemplo, *Conceição da Marinha, Moura, Lapa, Carpinteiros de São José, Glória*, dentre outras, chegando ao ponto de constituírem duas grandes nações, a dos *Guaïamus* e a dos *Nagoas*, que declaravam verdadeiras

⁵Um dos muitos argumentos defendidos por muitos estudiosos, segundo Campos (1990), diz respeito ao fato de que a capoeira, como é praticada e difundida no Brasil não é encontrada na África, nem tampouco em nenhum outro país aonde foi introduzido o comércio de escravos africanos, entendimento que reforça sobremaneira o pensamento da capoeira como cultura brasileira, pois era de se esperar, caso fosse uma cultura africana, que houvesse se manifestado, também, nestes demais países. No entanto, na própria África, assim como nos demais países em que sua prática é difundida, a capoeira sempre foi levada por brasileiros.

⁶ Segundo Aurélio Buarque de Holanda, no *Novo Aurélio Século XXI - o dicionário da língua portuguesa*, 4ª impressão, editora Nova Fronteira, 1999, “brasilidade”, diz respeito ao sentimento de amor ao Brasil, ao caráter distintivo do brasileiro e/ou do Brasil.

⁷ Segundo Soares (1994), a malta de capoeira era a unidade fundamental da atuação dos capoeiras, formada por três ou até cem indivíduos, tinha o caráter de associação de resistência entre os escravos e homens livres pobres na cidade do Rio de Janeiro da segunda metade do século XIX, alcançando, por volta de 1850 forma de organização e demarcação territorial bastante complexa e desenvolvida, definindo pontos de encontro e locais de reunião entre os componentes, destacando-se entre as inúmeras Maltas a dos *Guaïamus* e *Nagoas*.

guerras entre si e, ressalte-se: oferecendo seus serviços aos mais importantes partidos políticos, ou correntes de pensamento político, que imperava na época, os conservadores e os liberais.

Os capoeiras “infestavam” as ruas das cidades e contribuíam para a construção identitária do tipo malandro que imperava nas relações “marginais” das ruas e becos da vida urbana, ajuda ainda na constituição do personagem genuinamente brasileiro, o “mulato”, menos robusto e mais arisco do que o negro escravo africano, tipo forjado nas muitas misturas entre as raças que dominavam a cena urbana, imortalizado na literatura brasileira⁸ e responsável pela difusão do perfil capoeira, transformado em agente repressor e transgressor da ordem dominante, mais precisamente, figura que incomodava pelo caráter e ânsia de liberdade e de contraposição que impunha aos interesses hegemônicos da época.

Podemos nos reportar aos trabalhos de pesquisa de Mary Karasch (2000), realizados ainda nos fins dos anos de 1960, onde a autora volta o seu olhar para a escravidão urbana do século XIX, montando um excelente panorama da vida social e cultural dos escravos na cidade do Rio de Janeiro, capital do Império no Brasil. Karasch aponta aspectos dicotômicos⁹, forjados de forma integrada e indissociável na composição deste instrumento de resistência escrava no Brasil, para isso, recorre aos relatos de viajantes europeus, como Rugendas, e define alguns desses contornos da capoeira enquanto uma prática cultural, notadamente, enquanto uma arma de luta dos negros escravos do Brasil.

Com a Proclamação da República, surge uma nova fase de perseguição à Capoeira com a criação do decreto nº 487 do código Penal Brasileiro, de 11 de outubro de 1890, que estabelecia, no Capítulo XIII, dos "Vadios e Capoeiras", penas de até seis meses de prisão ou deportação do país, no caso de se tratar de estrangeiros, para todos que fossem pegos praticando capoeira ou que pertencessem a algum bando ou Malta. Inicia-se um período de tentativas de extermínio da capoeira, com muitos de seus adeptos sendo exilados e participando de trabalhos forçados, delineando-se nesse sentido, de mais uma onda de repressão contra a capoeira.

Esse quadro permaneceu até 1934, quando o então Presidente Getúlio Vargas extingue o Decreto nº 487 e libera a capoeira, bem como outras manifestações populares (notadamente as de origem negra), para sua prática livre, após assistir a uma apresentação de capoeira comandada por Manoel dos Reis Machado, afamado no meio capoeirístico como o Mestre Bimba, responsável pelo desenvolvimento do primeiro método pedagógico de ensino da capoeira, denominado de Capoeira “Regional Baiana”¹⁰, amparado e subsidiado por seus alunos, muitos dos quais universitários, sendo considerado até os dias atuais o pai da capoeira moderna.

⁸ Podemos citar Machado de Assis (*Contos*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997), no conto *A Causa Secreta*, p. 53 e Aluísio de Azevedo (*O Cortiço*, 8. ed., São Paulo: Ática, 1979), que conta a história do romance entre o capoeira Firmo e Rita Baiana.

⁹ Karasch (2000, p. 331), aponta claramente dois aspectos dicotômicos da capoeira: o aspecto lúdico, presente no jogo da capoeira, embalada pelo ritmo das palmas e dos cantos e pelo som dos tambores primitivos, e o aspecto de luta de resistência escrava, utilizada pelos negros escravos para proteção de si mesmo e de suas mercadorias, nos mercados, ruas e praias, através da aplicação de potentes golpes com a cabeça e com os pés. Para mais detalhes, ver Soares (2002, p. 55).

¹⁰ Primeiro método de ensino da capoeira, criado por Mestre Bimba, em 1928, centrada nos movimentos da Capoeira Angola e nos fundamentos da luta escrava denominada Batuque, e que se constituía numa seqüência lógica de movimentos de ataque, defesa e contra-ataque, podendo ser ministrada para os iniciantes de forma simplificada, permitindo e facilitando o aprendizado de forma motivada e segura. (CAMPOS, 1998).

A Valorização da Capoeira: em busca da superação dos preconceitos e da identificação de seu valor educativo

Com o passar dos anos, surgem movimentos em prol da nacionalização de nossa educação na luta contra o analfabetismo e a melhoria das condições culturais do povo. Em 1907, surge a primeira tentativa de instituição de uma ginástica brasileira: "O Guia da Capoeira ou Ginástica Brasileira", com autor oculto nas iniciais O D C, levando muitas pessoas de "famílias importantes" a praticar a capoeira, vendo nela um excelente exercício de destreza e defesa pessoal.

Em 1928, Anníbal Burlamaqui publica uma obra denominada *Gymnastica nacional (capoeiragem) methodisada e regrada*, numa proposta de sistematização da capoeira enquanto esporte nacional, considerando esta, uma verdadeira ginástica brasileira e propondo as regras e as respectivas formas de exercícios e treinamento, sem esquecer a importância da capoeira como instrumento de resistência e exaltando as diversas habilidades e qualidades que a prática deste esporte pode proporcionar à saúde das pessoas. (CAMPOS, 2001).

Na década de 60, mais precisamente, em 1961 a capoeira é introduzida como desporto, no currículo da Polícia Militar do Estado da Guanabara. Em 26 de dezembro de 1972, a capoeira é oficializada pela Confederação Brasileira de Pugilismo, através do departamento de capoeira, sendo, em seguida, homologada pelo Conselho Nacional de Desporto, entrando em vigor no dia 01 de janeiro de 1973.

No início dos anos 80 a capoeira tem sua inclusão no currículo de várias escolas de Educação Física do Brasil, levando o Ministério da Educação, pela Secretaria dos Desportos, do Ministério dos Esportes, a organizar o Programa Nacional de Capoeira, divulgado pelo Centro de Informação e Documentação sobre a capoeira, com pretensão de legitimar a capoeira nas antigas escolas de 1º e 2º¹¹ graus, assim como, a sua inclusão nos Jogos Escolares Brasileiros, no ano de 1985, dando uma nova significação à prática da capoeira, possibilitando a criação de espaços para a propagação da capoeira no campo educacional, difundindo e fortalecendo aspectos tais como a tradição cultural e histórica, a arte, a musicalidade, a forte presença do aspecto gestual do legado dessa cultura que, cada vez mais, afirmava-se como genuinamente brasileira.

Assim, a capoeira vai ganhando espaço nas instituições educacionais, alavancada pela prática da Educação Física, notadamente, no entendimento de professores e estudiosos da capoeira que, pela proximidade e formação na Educação Física, percebem um espaço para conduzir a capoeira até os espaços educacionais formais de ensino, como podemos perceber nos trabalhos de Barbieri (1993), Campos (2001), Falcão (1995), Santana (1985), Santos (1987), dentre outros.

Em Teresina, a capoeira tem uma trajetória parecida com a dos grandes centros, passando por um momento de grande conturbação, marcada por um preconceito forte e sem justificativa, explicado pela dinâmica das relações sociais do momento histórico (começo dos anos 70) em que se deu seu aparecimento, momento esse, marcado por profundas desigualdades e relações de imposições, perseguições e descaso contra as manifestações populares, notadamente as de origem negra, mas, devido ao trabalho sério e comprometido, de muitos professores e mestres, a capoeira, vem conseguindo espaço e respaldo por parte das mais diversas camadas sociais e de autoridades públicas e particulares.

¹¹ A partir da promulgação da LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação) 9394/96, de 20 de dezembro, as escolas de 1º e 2º graus passam a denominar-se Ensino Fundamental (5ª a 8ª séries) e Ensino Médio, respectivamente.

Passaremos agora a demonstrar um pouco do percurso da capoeira ao encontro com a educação, principalmente a educação formal, nas escolas e instituições oficiais de ensino, visto que ela já demonstrou sua força enquanto processo pedagógico de formação, presente em todo o processo histórico anteriormente narrado neste trabalho.

A Capoeira nos espaços educacionais formais: a construção de possibilidades.

Como afirma Freitas (1997), a capoeira constitui-se em um importante instrumento formador e integrador das crianças, em particular, daquelas oriundas das camadas menos favorecidas, por trazer em seus fundamentos, aspectos que reforçam nessas crianças, o sentimento de brasilidade, o gosto pela música, o prazer pelo jogo, o espírito de cooperação, o sentimento de respeito humano, o desenvolvimento do ritmo, o despertar pela poesia, pela dança e pela cultura, além da arte de brincar com o próprio corpo no tempo e no espaço, não só do ponto de vista da psicomotricidade mas da própria conscientização de sua identidade histórica e no seu movimento incessante, movimento esse, que caracteriza o ser humano e o seu eterno agir no meio ambiente em busca da satisfação de seus objetivos e de suas necessidades.

A partir de nossa experiência no campo educacional, tanto em nossa fundamentação teórica, como em nossa prática pedagógica em escolas e outros espaços educativos, como por exemplo, a participação em encontros, seminários, seja como assistente, seja como apresentador, sem esquecer nossa experiência como pesquisador, detentor que fomos de bolsa de iniciação científica pelo CNPq¹² e, hoje, como bolsista da CAPES, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPI¹³, podemos afirmar, a partir do entendimento de que a educação é um processo histórico, intencional e contínuo que acompanha as pessoas por toda sua existência, que a capoeira pode contribuir de forma integral na educação de crianças e jovens na escola, devido seu aspecto lúdico, presente na expressão de uma diversidade de movimentos (saltos, golpes, movimentos acrobáticos), acompanhados e conduzidos pela música, os cantos e o som dos seus instrumentos característicos (berimbau, pandeiro, atabaque), assim como, embalada pelas histórias e contos transmitidos e perpetuados oralmente de geração a geração, trazendo em seu bojo, aspectos relevantes da história do povo, da história brasileira contada pela ótica das pessoas oprimidas, das pessoas que não tiveram, e ainda não têm, a oportunidade de falar de sua própria existência, de contar sua história, de suas lutas e de seus anseios mais relevantes, aspectos estes, que se encontram aquém da história que é contada oficialmente nos currículos escolares.

No Piauí¹⁴, não é diferente, são muitos os exemplos de trabalho com capoeira junto aos espaços educacionais, tanto municipais e estaduais, quanto em escolas particulares.

¹² No ano de 1999, tivemos nossa proposta de pesquisa aprovada pela Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, da Universidade Federal do Piauí, através do Programa Institucional da Bolsa de Iniciação Científica, do CNPq (PIBIC/CNPq), apresentando relatório final em junho de 2000 e apresentando os resultados no XI Seminário de Iniciação Científica da UFPI, realizado no período de 27 a 29 de novembro do ano de 2002, como tema “*A Contribuição da didática na formação de professores comprometidos com a transformação: uma avaliação da didática na perspectiva dos alunos do Instituto de Educação Antonino Freire*”, em Teresina-PI.

¹³ Em novembro de 2003, fomos selecionado para recebimento de Bolsa de Demanda Social/CAPES, através do Programa de Pós-Graduação em Educação, do Centro de Ciências da Educação da UFPI, para desenvolvimento da presente pesquisa.

¹⁴ A respeito da origem da capoeira no Piauí, ver o artigo “*O Desenvolvimento da Capoeira no Piauí*”, publicado Revista dos Esportes, n. 7, de novembro de 2000. P. 08-10.

Desde o final da década de 70 e início dos anos 80, a capoeira vem sendo ensinada e praticada em escolas, colégios e núcleos de apoio a crianças e jovens estudantes. Nossa própria experiência nos permite apontar este fenômeno, visto que, tivemos nossa iniciação na prática da capoeira, exatamente no pátio da Unidade Escolar Benjamin Baptista, escola pública estadual de Teresina.

Naquela época, a capoeira era praticada e ensinada, ainda de forma gratuita, para quem tivesse interesse em praticá-la, e o espaço para os treinos era concedido mediante autorização assinada pela diretora da escola, para utilização do espaço da escola nos dias de sábado, domingo e feriados.

A partir da segunda metade dos anos 90, podemos identificar uma acentuada implantação da capoeira como atividade curricular explicitamente aceita nas escolas, inclusive com a contratação de professores para o ensino da capoeira, em dias e espaços eleitos pela escola, durante o período normal de desenvolvimento das atividades escolares e não mais apenas nos finais de semana e feriados.

Como exemplo desta considerável conquista de espaços pela capoeira, nos espaços escolares, podemos citar três trabalhos que demonstram claramente a importância pedagógica da capoeira, sem no entanto, nos furtarmos de destacar os espaços que a capoeira vem conquistando no ensino superior, sendo, na atualidade, disciplina curricular de prática desportiva do curso de Educação Física da Universidade Federal do Piauí, com práticas semanais sob a direção do jovem professor “Cobra”, do Grupo Cordão de Ouro, formado em Educação Física pela própria UFPI, estando em processo de estudo para tornar-se disciplina curricular acadêmica, a exemplo de outros Estados.

Outro trabalho, desenvolvido no de 3º grau, é realizado pelo professor George Fredson Rocha Serra (Contra-Mestre Touro), do grupo Raízes do Brasil, na Faculdade CEUT. Nesta faculdade, a capoeira é oferecida como atividade de prática desportiva para todos os alunos matriculados na instituição, em duas turmas distintas, nos dias de segunda e quarta feiras, no horário das 22:00 às 23:00 horas, e nos dias de terça e quinta feiras, nos horários das 16 às 17 horas, turmas que se reúnem aos sábados, no horário das 10:00 às 11:00 horas. George é contratado exclusivamente para ministrar aulas de capoeira, sem limites de inscrições, demonstrando todo o crédito conquistado pela capoeira junto aos alunos, professores e gestores de instituições de ensino de 3º grau, destacando-se assim como atividade cultural e esportiva que pode trazer inúmeras contribuições para a formação dos alunos destas instituições, independente do campo de conhecimento em que o aluno pretende atuar.

Podemos destacar ainda, o trabalho desenvolvido no Colégio São Francisco de Sales, de ensino particular, conhecido como Diocesano, de caráter confessional, ligado à igreja católica, mais precisamente da Companhia de Jesus, um dos mais destacados colégios de Teresina, onde se formaram várias gerações de intelectuais de nossa cidade e continua preparando muitos jovens, notadamente, aqueles oriundos das classes sociais mais favorecidas.

Neste colégio é desenvolvido um trabalho de capoeira, há quatro anos, sob orientação do professor Felismino dos Santos Júnior, conhecido nas rodas de capoeira como “Doutor”¹⁵, e que faz parte de um dos grandes grupos de capoeira de Teresina, o grupo Capoeira Gerais. Doutor orienta seus alunos, geralmente, alunos da 1ª à 6ª série, entre 06 (seis) e 12 (doze) anos, em dois dias semanais, no período noturno, entre as

¹⁵ É importante ressaltar que, no momento de conclusão deste trabalho, o professor Felismino foi desligado do quadro do Colégio Diocesano, ficando o trabalho da capoeira sob responsabilidade de George Fredson (Contra-Mestre Touro), do Grupo Raízes do Brasil. (Entrevista concedida por George em 10/02/05)

18:00 e 19:00 horas, através de uma metodologia diversificada, que procura envolver o aluno de forma integral, utilizando-se do emprego da brincadeira e dos jogos, ressaltando aspectos da história e da forte presença da musicalidade e do aspecto gestual da capoeira, procurando despertar nos alunos a consciência crítica e a formação cultural, centrada numa representação positiva sobre sua identidade brasileira.

Vale destacar, que o professor Felismino é contratado, com carteira assinada, sendo responsável para orientar a prática da capoeira como atividade curricular da escola, ocupando espaço e horário determinados, contemplada no planejamento escolar, na proposta pedagógica da escola, reconhecendo portanto o valor da capoeira e as possibilidades que a mesma pode proporcionar aos alunos, assim como apontar para um caminho, que cada vez mais, vai se tornando claro e irreversível: a profissionalização do professor de capoeira¹⁶.

O segundo exemplo, na mesma linha do primeiro, por envolver uma escola de caráter confessional, também ligada à igreja católica e de grande tradição educacional em Teresina, diz respeito ao trabalho recentemente implantado no colégio Dom Barreto, há um ano e seis meses, sob a orientação do professor Hebert Teixeira, conhecido como “Corujão”, licenciado em Educação Física, estudante de Nutrição, com especialização em Prática Desportiva e Saúde, pela UFPI e professor de capoeira formado pelo Centro Cultural Raízes do Brasil. Hebert é contratado, por serviços prestados, por hora/aula e ministra aulas de capoeira para seis turmas de alunos da escola citada, da 7ª série do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio.

Segundo Hebert¹⁷, as turmas são formadas em horários determinados, a partir das 19:00 até às 22:00 horas, e que todos os alunos praticantes são liberados da Educação Física convencional, seguindo uma metodologia teórico-prática, que, nas palavras de Hebert “busca, através dos conteúdos da capoeira, incentivar os alunos para a realidade da capoeira e sua busca de espaço no âmbito escolar, com isso, despertar nos alunos, uma visão crítica e transformadora de nossa arte-luta”. Pela relevância do trabalho e o espaço que consegue alcançar, dentro de uma instituição tradicionalmente “fechada”, notadamente para manifestações populares, e de acesso exclusivo para alunos com características econômicas bastante favorecidas, fica evidente a força e o poder renovador que a capoeira vai imprimindo na constituição de nossa sociedade.

O terceiro, e último exemplo, é bastante significativo no contexto de nossa pesquisa, pois envolve a prática da capoeira numa escola pública estadual de Teresina, o Colégio Anísio de Abreu, localizado na zona norte de Teresina.

A direção da escola, numa iniciativa bastante inovadora, levou a capoeira para dentro dos espaços da escola, com a oferta da capoeira para seus alunos e pessoas da comunidade, cedendo o pátio e a quadra da escola, nos dias de quinta-feira, sábado e domingo para o professor Wellington Leitão, o “Carapanã”, componente do grupo Raízes do Brasil, para ministrar aulas de capoeira e coordenar eventos culturais que envolvam os alunos da escola, inclusive com liberação das aulas de Educação Física para aqueles que estiverem matriculados nas aulas de capoeira.

Como a escola não pode contratar professores, foi materializado um contrato que firma o compromisso do professor Wellington em ministrar aulas a partir da cobrança de

¹⁶ A respeito deste aspecto, a profissionalização da capoeira, estamos iniciando uma pesquisa que envolve levantamento de dados, a partir da produção de um cadastro de professores de capoeira, estudo de caso sob as diversas condições de trabalho do profissional da capoeira, envolvendo sua formação, organização de classe, aspectos de amparo legais, dentre outros. Nossa proposta centra-se na construção de espaços legais para a prática da capoeira, denúncia de possíveis explorações e a possível criação do Conselho estadual.

¹⁷ Em entrevista concedida no dia 10/03/2004, em Teresina-PI.

uma pequena taxa dos praticantes, ficando os alunos da escola isentos de 50% do total cobrado, algo em torno de cinco reais mensais, por aluno da escola, além do compromisso de participação em todos os eventos culturais, sociais e educacionais promovidos pela escola, tais como, jogos escolares, feiras culturais, eleições para diretores, festas comemorativas, encerramento e início de período escolar, dentre outras.

Como última referência, do despertar sobre a importância da capoeira por parte do Poder Executivo, queremos destacar a promulgação, em 03 de fevereiro de 2004, pela Prefeita Marta Suplicy, da Lei nº 13.774/04¹⁸, decretada em sessão realizada no dia 20 de dezembro de 2003 na Câmara Municipal de São Paulo, que dispõe sobre instituição da Semana da Capoeira, a ser realizada anualmente, no período de 14 a 20 de novembro, com promoção de palestras, cursos, festivais, o campeonato paulistano de capoeira e outros eventos.

A coordenação desta semana, ficará a cargo de uma comissão que será composta por representantes do Poder Executivo das áreas de cultura e de esportes, e das entidades de capoeira e de representantes que se destacam no contexto da capoeira no Estado de São Paulo, comissão esta, que deve ser constituída sessenta dias antes do evento.

Esta Lei, serve para deixar claro todo o interesse que o poder público, ancorado pelas reivindicações populares, demonstra a respeito das reais possibilidades da capoeira e se constitui num instrumento favorecedor da construção de espaços de elaboração de propostas e efetivação de políticas para a prática da capoeira de forma cada vez mais democratizada, com responsabilidades assumidas pelo poder Público e de resgate cultural de nossas manifestações mais tradicionais e mais significativas.

Conclusão

Ampliando os espaços para reflexão

Não é nossa intenção apresentar conclusões finais e acabadas, porque nosso trabalho centra-se mais na ampliação dos espaços de reflexão e discussão, do que na busca de respostas. Não pretendemos encontrar fórmulas que dêem conta do real e apresentem soluções definitivas para as questões que envolvam educação, escola e cultura. Nosso objetivo é promover discussões, despertar o espírito contestador de todos aqueles que não aceitam viver na “conformação” e desafia-los a refletir, imaginar e criar formas de promover, nos espaços escolares, uma política cultural, centrada no respeito à diversidade humana e no entendimento do caráter pluricultural de nossa sociedade.

Desta maneira, podemos destacar, embora, como momento inicial, aspectos que apontam para o encontro da capoeira com a educação, tendo sempre o cuidado de demarcar o terreno em que pretendemos desenvolver nossas reflexões, terreno este, que aponta para o campo de conhecimento do currículo, tomando como fio condutor as teorizações e investigações na área dos Estudos Culturais, concebido como espaço de construção de contestações, notadamente por envolver a questão da cultura, numa tentativa que segue a linha de raciocínio de Silva (2002) que aponta, como uma das vantagens de se pensar o currículo a partir desta concepção, uma certa equiparação entre as diversas formas de conhecimento, evitando uma “...separação rígida entre o conhecimento tradicionalmente considerado como escolar e o conhecimento cotidiano das pessoas envolvidas no currículo.” (op., cit., 2002, p.136).

¹⁸ A referida Lei, nasceu do Projeto de Lei apresentado pelo Vereador Alcides Amazonas, do PC do B de São Paulo.

Neste sentido, concebendo todo conhecimento como objeto cultural e o currículo escolar como um artefato humano construído historicamente, podemos situar a importância da capoeira enquanto prática cultural de valor pedagógico essencial, que pode trazer muitas contribuições para uma maior conscientização de representantes de grupos menos favorecidos econômica, cultural, social e politicamente, presentes na escola, representantes das denominadas “minorias”, de reivindicar espaços próprios, de terem o direito de representação, ou seja, o direito falar de si e dos “outros” e que Costa (2001) aponta como “...direito dos grupos e dos indivíduos de descreverem a si próprios, de falarem do lugar que ocupam, de contarem sua versão da história de si mesmos, de inventarem as narrativas que os definem como participantes da história.” (op. cit., 2001, p. 50).

Podemos pontuar, assim, alguns aspectos relevantes identificados nas experiências descritas neste trabalho: a) mesmo surgindo como atividade de contraposição, perseguida e carregando a representação de prática “marginal”, a capoeira sempre esteve presente nos espaços políticos, literários, escolares e acadêmicos no Brasil; b) a capoeira foi implantada e aceita, como prática pedagógico-cultural, nas escolas, faculdades e universidades, tanto por iniciativa dos capoeiristas, como por iniciativa das próprias instituições; c) o valor educativo e cultural da capoeira e seu caráter pluricultural, suplantou, na maioria das experiências em que foi utilizada como prática pedagógico-cultural, os preconceitos e resistências que sempre sofreu devido a sua herança cultural; d) a capoeira tende a ser reconhecida pelo poder público, amparada por meio de legislação que garanta sua legitimidade, como cultura nacional e ganhar status de profissão.

Podemos encerrar, provisoriamente, esta conversa, deixando as experiências aqui destacadas, como pontos para a reflexão de todos aqueles que se interessem pelas teorias dos Estudos Culturais e que servem para demonstrar o papel da capoeira como referência pedagógica e sócio-cultural, bem como, a contribuição histórica e política que pode proporcionar nas escolas, faculdades e universidades brasileiras, principalmente, por se constituir numa prática cultural tradicional de significativa representatividade na sociedade brasileira.

Referências bibliográficas

BARBIERI, Cezar. **Um jeito brasileiro de aprender a ser**. Brasília: DEFER/CIDOCA/DF, 1993.

CAMPOS, Hélio. **Capoeira na Escola**. Salvador: Presscolar, 1990.

_____. **Capoeira na universidade: uma trajetória de resistência**. Salvador: SCT, EDUFBA, 2001.

_____. A Seqüência de mestre Bimba: um jogo de ensino-aprendizagem. **Sprint Magazine**, Rio de Janeiro, set/out. 1998.

CARNEIRO, Edison. **Capoeira**. São Paulo-SP: FUNARTE, 1997

CASCUDO, Luiz Câmara. **Dinâmica do folclore**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1967.

CORTÊS, Gustavo Pereira. **Dança, Brasil**: festas e danças populares. Belo Horizonte: Ed. Leitura, 2000.

COSTA, Marisa Vorraber. Currículo e política cultural. In: COSTA, Marisa Vorraber (org.). **O Currículo nos limiares do contemporâneo**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

FALCÃO, José Luís Cerqueira. Capoeira e/na educação física. **Sprint magazine**. Rio de Janeiro, ano. 14, n. 79, p. 10-14, 1995.

FERREIRA, Augusto Mário. História da capoeira III. **Jornal da Capoeira, esporte, folclore e cultura**, ano I, n. 3, p. 2, set. 1978.

FREITAS, Jorge Luiz. **Capoeira Infantil**: a arte de brincar com próprio corpo. Curitiba: Expoente, 1997.

KARASCH, Mary C. **A vida dos escravos no Rio de Janeiro: 1808-1850**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

REGO, Wandeloir. **Capoeira Angola**: ensaio sócio-etnográfico. Salvador: Itapuã, 1968.

REVISTA DOS ESPORTES. Teresina, ano I, n. 7, nov. 2000.

SANTANA, Mestre. **Iniciação à Capoeira**. 2. ed. São Paulo: Ground, 1985.

SANTOS, Luiz Silva. **A Capoeira como opção de educação física infantil no ensino de 1º grau**, 1987. 177 p. Dissertação (Mestrado em Educação) PUC. Porto Alegre.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

SOARES, Carlos Eugênio Líbano. **A Negregada Instituição**: Os Capoeiras no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1994.

_____. **A Capoeira Escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro (1808-1850)**. 2 ed. Campinas-SP: Ed. da UNICAMP, 2002.

VIEIRA, Sérgio Luiz de Souza. De prática marginal à arte marcial brasileira. **Revista Capoeira**, São Paulo, n. 3, ano I, p. 42-43, set./out. 1998.